

O mito do *Self-Made Man* no Neoliberalismo: Ideologia, Precarização e Subjetividade

The myth of the Self-Made Man in Neoliberalism: Ideology, Precarization, and Subjectivity

El mito del Self-Made Man en el Neoliberalismo: Ideología, Precarización y Subjetividad

Fabiana Rodrigues Dias¹

Resumo

Dias, F. R. O mito do *Self-Made Man* no Neoliberalismo: Ideologia, Precarização e Subjetividade. *Rev. C&Trópico*, v. 49, n. 1, p. 73-90, 2025. Doi: 10.33148/ctrpico.v49i1.2448

O artigo analisou criticamente o mito do *self-made man* e sua ressignificação no contexto neoliberal, onde ele é transformado na figura do 'empreendedor de si mesmo'. Essa narrativa, enraizada na ética protestante e consolidada como símbolo de mérito individual, é utilizada como ferramenta ideológica para mascarar desigualdades estruturais e legitimizar a precarização do trabalho. Por meio de revisão bibliográfica, destaca-se como o neoliberalismo desloca a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso para o indivíduo, ocultando as condições materiais que limitam a mobilidade social. Discursos de autossuperação, amplificados por influenciadores digitais e coaches motivacionais, contribuem para a internalização da lógica de mercado, gerando ansiedade, culpa e alienação. O estudo conclui que o *self-made man* não apenas despolitiza as relações laborais, mas também enfraquece resistências coletivas, ao fragmentar os trabalhadores e promover soluções individualistas para problemas estruturais. Propõe-se, assim, a desconstrução desse mito como passo essencial para desafiar a hegemonia neoliberal e fomentar alternativas coletivas que combatam a precarização e promovam justiça social.

Palavras-chave: *Self-made man*; Neoliberalismo; Precarização do trabalho; Subjetividade neoliberal; Meritocracia.

Abstract

This article critically analyzes the myth of the self-made man and its reinterpretation within the neoliberal context, where it is transformed into the figure of the 'self-entrepreneur.' Rooted in Protestant ethics and established as a symbol of individual merit, this narrative serves as an ideological tool to mask structural inequalities and legitimize precarious labor conditions. Through a bibliographic review, the study highlights how neoliberalism shifts the responsibility for success or failure onto individuals, concealing the material constraints that limit social mobility. Narratives of self-improvement, amplified by digital influencers and motivational coaches, reinforce the internalization of market logic, fostering anxiety, guilt, and alienation. The study concludes that the self-made man not only depoliticizes labor relations but also weakens collective resistance by fragmenting workers and promoting individualistic solutions to systemic problems. The deconstruction of this myth is proposed as a crucial step to challenge neoliberal

¹ Mestre em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: frdias@alumni.usp.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0747-5694>

hegemony and foster collective alternatives to combat labor precarization and promote social justice.

Keywords: *Self-made man*; Neoliberalism; Labor precarization; Neoliberal subjectivity; Meritocracy.

Resumen

El artículo analiza críticamente el mito del *self-made man* y su resignificación en el contexto neoliberal, donde se transforma en la figura del "emprendedor de sí mismo". Esta narrativa, arraigada en la ética protestante y consolidada como símbolo del mérito individual, se utiliza como herramienta ideológica para enmascarar desigualdades estructurales y legitimar la precarización laboral. A través de una revisión bibliográfica, se destaca cómo el neoliberalismo desplaza la responsabilidad del éxito o del fracaso al individuo, ocultando las condiciones materiales que limitan la movilidad social. Los discursos de autosuperación, amplificados por *influencers* digitales y *coaches* motivacionales, contribuyen a la internalización de la lógica de mercado, generando ansiedad, culpa y alienación. El estudio concluye que el *self-made man* no solo despolitiza las relaciones laborales, sino que también debilita las resistencias colectivas al fragmentar a los trabajadores y promover soluciones individualistas para problemas estructurales. Por ello, se propone la desconstrucción de este mito como un paso esencial para desafiar la hegemonía neoliberal y fomentar alternativas colectivas que enfrenten la precarización y promuevan la justicia social.

Palabras clave: *Self-made man*; Neoliberalismo; Precarización laboral; Subjetividad neoliberal; Meritocracia.

Data de submissão: 21/02/2025

Data de aceite: 23/03/2025

1 INTRODUÇÃO

A figura do *self-made man* ocupa um lugar central no imaginário ocidental, consolidando-se como o arquétipo do sucesso individual. Construído a partir da ideia de que o esforço, a determinação e o mérito pessoal são os principais fatores para a ascensão social, esse mito encontra suas raízes na ética protestante descrita por Max Weber, onde o trabalho árduo e a autodisciplina eram valorizados como virtudes religiosas. No entanto, ao longo do tempo, essa crença foi secularizada e incorporada à lógica capitalista como um ideal que exalta a autonomia e minimiza o papel das condições estruturais. Em um contexto neoliberal, o *self-made man* é ressignificado como o “empreendedor de si mesmo”, uma figura que não apenas reforça o individualismo extremo, mas também reproduz narrativas que obscurecem desigualdades e legitimam precarizações nas relações de trabalho.

O neoliberalismo, e sua ideologia dominante, conforme Adams *et al.* (2022), não se limita a uma doutrina econômica, mas configura um conjunto de padrões culturais e visões de mundo que se assemelham ao liberalismo clássico. No entanto, há um desvio fundamental na centralidade conferida à liberdade, especialmente no que se refere às

restrições ao crescimento e à autoexpressão, em detrimento de valores como igualdade e obrigação cívica. Como afirmam os autores:

Essas manifestações econômicas e políticas de padrões culturais neoliberais têm vínculos com um conjunto de filosofias sociais e visões de mundo que guardam forte semelhança com o liberalismo clássico. No entanto, o neoliberalismo se desvia do liberalismo clássico em sua ênfase na liberdade – especialmente nas restrições ao crescimento e à autoexpressão (Deleuze & Guattari, 1980/2004) – acima de outros valores liberais (por exemplo, igualdade e obrigação cívica). As expressões socioculturais do neoliberalismo estendem a lógica do capitalismo liberal baseado no mercado a todos os aspectos da vida, incluindo amor, família e obrigação cívica (por exemplo, Harvey, 2005; Klein, 2017a; Teo, 2018). A ênfase na liberdade e na autodeterminação é atraente, especialmente para pessoas em ascensão, ansiosas por transcender as restrições na busca de suas aspirações (Adams *et al.*, 2022, p. 191).

Esse deslocamento permite que o neoliberalismo seja incorporado à vida de maneira sedutora, promovendo a ideia de que o sucesso individual depende apenas da superação de barreiras pessoais, e não de transformações estruturais. Dessa forma, valores como solidariedade e justiça social são progressivamente esvaziados, sendo substituídos pela lógica do desempenho e da maximização do potencial individual: O *self-made man* (Carmo *et al.* 2021).

No presente artigo, propõe-se uma análise crítica desse mito, que permanece influente na subjetividade contemporânea e na forma como as pessoas compreendem suas condições de vida e trabalho. A partir de uma revisão teórica e de autores que discutem o impacto do neoliberalismo na subjetividade e nas relações laborais, busca-se compreender como a narrativa do *self-made man* é instrumentalizada para despoliticizar problemas estruturais e deslocar responsabilidades para o indivíduo. A discussão se orienta a refletir sobre os efeitos desse mito no enfraquecimento da solidariedade coletiva e no aumento de pressões individuais, destacando a urgência de desconstruir essas narrativas para fomentar alternativas mais justas e coletivas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A figura do *self-made man* tem raízes profundas na cultura ocidental, consolidando-se no século XVIII com o trabalho de pensadores como Benjamin Franklin, que, em sua *Autobiografia* (2006), exaltava a autodisciplina, a frugalidade e o trabalho árduo como virtudes essenciais para o progresso pessoal. Franklin apresentava a ideia de que o sucesso individual era alcançado por meio do esforço e da perseverança, ajudando a moldar o *ethos* do capitalismo emergente. Posteriormente, no início do século XX, Max Weber, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (2004), analisou como essa

valorização do trabalho encontrou terreno fértil na ética protestante, especialmente no calvinismo, que atribuía ao sucesso econômico uma dimensão espiritual. Weber demonstrou que a ascese intramundana, ao valorizar o trabalho como um dever moral, contribuiu para o desenvolvimento do capitalismo moderno e para a legitimação das desigualdades sociais como resultado da vontade divina (Rossa, 2010).

Com o avanço do capitalismo, no entanto, o *self-made man* foi secularizado, tornando-se uma ideologia que desvincula o sucesso das condições materiais e o associa exclusivamente ao mérito individual. Essa narrativa, porém, ganha contornos específicos no Brasil contemporâneo, onde o neopentecostalismo resgata elementos dessa ética protestante ao promover a prosperidade econômica como um sinal de bênção divina. Como analisa Mariano (2012) em seus estudos sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, essa instituição religiosa popularizou a chamada “Teologia da Prosperidade”, que associa o sucesso financeiro à fé e ao esforço espiritual.

Com o avanço do neoliberalismo no final do século XX, o *self-made man* foi amplamente ressignificado e adaptado para o modelo do "empreendedor de si mesmo", conceito central discutido por Dardot e Laval em *A nova razão do mundo* (2016). Segundo os autores, o neoliberalismo não se limita a ser um sistema econômico, mas constitui uma racionalidade que molda todas as esferas da vida, inclusive as subjetividades individuais. Nesse contexto, os indivíduos passam a ser encorajados a se comportarem como empresas: autogeridos, competitivos e responsáveis por sua própria realização e fracasso. De acordo com Filho *at al.* (2020), essa lógica despolitiza as condições estruturais que perpetuam a desigualdade, pois desloca a responsabilidade de transformações coletivas para uma performance individual idealizada. Além disso, a cultura do empreendedorismo reforça o mito do *self-made man* ao apresentar histórias de sucesso isoladas como normativas, ignorando os fatores sociais e econômicos que limitam a mobilidade social para a maioria. A partir da perspectiva foucaultiana em relação à subjetivação nesse momento histórico, o discurso não é apenas um meio de comunicação, mas um instrumento fundamental na constituição do poder e na produção de subjetividades. Em *Segurança, território, população*, Foucault (2008) demonstra como as práticas governamentais sempre buscaram regular não apenas os corpos, mas também as almas, operando através de dispositivos discursivos que modelam comportamentos e modos de existência. Nesse sentido, o poder não se impõe de forma direta ou coercitiva, mas atua por meio da produção de verdades que se tornam internalizadas pelos sujeitos. Como Foucault (2014) argumenta, os discursos estabelecem o que pode ser dito e pensado dentro de determinado regime de verdade, tornando-se uma ferramenta de controle que molda as condutas e as percepções da realidade.

No caso do neopentecostalismo, a Teologia da Prosperidade se apresenta como um discurso que naturaliza a desigualdade ao sugerir que o sucesso é fruto exclusivo da fé e do esforço individual, ao passo que a pobreza é interpretada como uma consequência da falta de dedicação espiritual ou de um "pensamento limitante". Dardot e Laval (2016)

complementam essa visão ao argumentar que a internalização da lógica empresarial não apenas molda as práticas laborais, mas também se infiltra na espiritualidade, fazendo com que a fé se torne mais um ativo a ser gerenciado. Assim, o crente é convidado a adotar uma postura empreendedora diante da própria vida, vendo-se como um "capital humano" que precisa investir continuamente em sua relação com Deus para garantir retornos espirituais e materiais.

A ressignificação do *self-made man* no neoliberalismo está profundamente atrelada ao fenômeno da precarização do trabalho. Guy Standing, em *O precariado*: (2011), introduz o conceito de *precariat* para descrever a classe de trabalhadores submetida a condições laborais instáveis, marcadas pela insegurança, ausência de direitos e baixa remuneração. O neoliberalismo, ao flexibilizar o mercado de trabalho, promove uma lógica em que a estabilidade é vista como privilégio e não como um direito. Nesse cenário, a narrativa do *self-made man* atua como um mecanismo ideológico que justifica essa precarização, ao sugerir que o sucesso ainda é acessível àqueles que se dedicam e possuem o "espírito empreendedor". Standing argumenta que essa classe precarizada é incentivada a se perceber como um conjunto de indivíduos concorrendo entre si, o que enfraquece a solidariedade e dificulta a organização coletiva para reivindicar direitos. Assim, a figura do *self-made man* contribui não apenas para mascarar as desigualdades estruturais, mas também para fragmentar possíveis resistências coletivas às condições impostas pelo neoliberalismo.

Além de seu impacto nas condições materiais, o mito do *self-made man* no neoliberalismo exerce uma influência significativa na dimensão psíquica dos indivíduos. Dunker, Safatle e Silva Júnior, em *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (2017), argumentam que a internalização da lógica de mercado transforma o sujeito em um "gestor de si mesmo", constantemente preocupado em avaliar e maximizar sua performance em todas as esferas da vida. Essa subjetividade neoliberal cria um ciclo de ansiedade e sofrimento, no qual o fracasso não é entendido como consequência de fatores estruturais, mas como resultado de escolhas inadequadas ou insuficiência pessoal. Nesse contexto, a figura do *self-made man* intensifica a pressão por autossuperação, ao mesmo tempo em que naturaliza a precarização das condições de vida e trabalho. O sofrimento é silenciado por meio de discursos de resiliência e *mindset*, frequentemente propagados por coaches e influenciadores digitais, que reforçam a ideia de que o sucesso depende apenas de "pensar positivo" e adotar a postura correta. Essa dinâmica não apenas agrava a alienação individual, mas também dificulta a construção de narrativas que questionem a ordem neoliberal.

Slavoj Žižek (2008) aborda a questão da precarização do trabalho sendo falsamente apresentada como liberdade em diversas de suas obras. Ele argumenta que, no contexto neoliberal, a flexibilização e a insegurança no emprego são frequentemente vendidas como oportunidades para que os indivíduos se tornem "empreendedores de si mesmos". Essa retórica sugere que, ao não estarem presos a empregos fixos, as pessoas

têm a liberdade de gerir suas próprias carreiras e destinos. No entanto, Žižek critica essa visão, apontando que essa suposta liberdade mascara uma forma de servidão moderna, onde os indivíduos são compelidos a constantemente se vender no mercado de trabalho, enfrentando insegurança e falta de proteção social. Essa dinâmica não apenas aumenta a pressão sobre os trabalhadores, mas também desvia a atenção das estruturas que perpetuam a desigualdade e a exploração.

A narrativa do *self-made man* também encontra ressonância na internet: *Instagram*, *Youtube*, *TikTok*, *Facebook* entre outros. Pode ser reconhecida no discurso de outros numerosos influenciadores digitais e *coaches* motivacionais, que desempenham um papel central na perpetuação da ideologia neoliberal. Nessas plataformas, certas figuras promovem constantemente a ideia de que o sucesso depende exclusivamente de esforço, disciplina e "pensar positivo". Ao construir narrativas baseadas em histórias de superação pessoal, eles reforçam a crença de que o fracasso é uma falha moral ou uma incapacidade de adotar o comportamento correto. Esse fenômeno é especialmente preocupante porque transforma a precarização do trabalho em uma "oportunidade" de reinvenção individual, sugerindo que os trabalhadores precarizados podem triunfar se souberem se adaptar às condições adversas. Essa visão ignora completamente os fatores estruturais que limitam a mobilidade social e a igualdade de oportunidades, deslocando a culpa do sistema para o indivíduo (Santisteban, Jones, 2024).

E, por fim, é essencial mencionar a Psicologia como ciência moderna, que surgiu em meio à crescente industrialização e à expansão do capitalismo, com destaque para o desenvolvimento da Psicologia nos Estados Unidos. Como apontam Adams et al. (2022), as primeiras formulações da psicologia científica já estavam fortemente alinhadas às necessidades do mercado e da produtividade. Desde os primórdios, a psicologia estadunidense se desenvolveu não apenas como uma disciplina voltada para a compreensão da mente humana, mas também como uma ferramenta instrumental para aprimorar o desempenho dos trabalhadores, maximizar a eficiência e ajustar comportamentos às exigências econômicas. Essa relação entre psicologia e capitalismo se intensificou com a ascensão do neoliberalismo, que reformulou a disciplina para enfatizar a autorregulação, a resiliência e a performance individual.

Dessa forma, o *self-made man* não é apenas uma narrativa individualista, mas um dispositivo ideológico que serve para sustentar as desigualdades inerentes ao neoliberalismo. Ao longo dos séculos, sua ressignificação passou de um ideal religioso de virtude, descrito por Max Weber (2004), para uma ferramenta secular que promove a ilusão de liberdade e autonomia em um mercado de trabalho cada vez mais precarizado. Essa narrativa é reforçada por discursos midiáticos, culturais e religiosos, como demonstrado no caso do neopentecostalismo no Brasil, que associa prosperidade material à fé e ao esforço espiritual (Mariano, 2012). Assim, o mito do *self-made man* funciona como um mecanismo que não apenas sustenta a lógica neoliberal, mas também perpetua a

alienação e fragmentação dos trabalhadores, dificultando resistências coletivas e a construção de alternativas sistêmicas.

3 ANÁLISE CRÍTICA

3.1 O *self-made man* e a precarização do trabalho

Como descrito por Carmo *et al* (2021), Žižek (2008) e Standing (2011), o ideal do *self-made man*, no contexto neoliberal, transforma a precarização do trabalho em uma narrativa de oportunidade de reinvenção. A insegurança laboral, anteriormente vista como uma condição adversa, é reinterpretada como uma chance para que os indivíduos promovam sua capacidade de se adaptar e prosperar. Essa ressignificação é particularmente evidente em profissões que simbolizam o "empreendedorismo moderno", como motoristas de aplicativos e trabalhadores autônomos e *freelancers*. Vendidos como exemplos de liberdade e flexibilidade, esses modelos de trabalho, na prática, oferecem condições altamente precárias: ausência de benefícios sociais, jornadas imprevisíveis e remuneração instável. A promessa de autonomia se transforma em exploração, pois esses trabalhadores são compelidos a gerenciar sua própria produtividade, assumir os riscos de sua atividade e competir constantemente no mercado. Nesse cenário, o *self-made man* funciona como um dispositivo ideológico que valida essas condições, ao apresentar o fracasso como uma consequência de escolhas individuais inadequadas, e não como o resultado de desigualdades estruturais (Hervieux; Voltan; Vallas; Prener, 2012).

Além disso, o discurso do *self-made man* perpetua a ideia de que a estabilidade no trabalho é obsoleta e que o sucesso depende da capacidade de inovar e se reinventar continuamente. Essa lógica encontra ressonância em setores como o marketing digital, onde trabalhadores autônomos são incentivados a investir em si mesmos, vendendo sua imagem e habilidades como produtos. (Estay *et al.*, 2013). Entretanto, essa exigência de constante reinvenção aprofunda a precarização, pois transfere para o indivíduo não apenas a responsabilidade por seu sucesso, mas também os custos associados ao seu trabalho, como equipamentos, formação contínua e saúde mental. Essa dinâmica reforça a alienação, pois o trabalhador se torna tanto o produto quanto o consumidor de sua própria atividade, enquanto as estruturas que possibilitam sua exploração permanecem invisíveis. Dessa forma, o *self-made man* não apenas naturaliza a precarização, mas também contribui para a manutenção de um sistema que prioriza a competitividade individual em detrimento da justiça social (Standing, 2013).

3.2 O *self-made man* no discurso neopentecostal

A ideologia do sujeito como responsável por seu sucesso ou fracasso, que se reflete na Teologia da Prosperidade, converte a fé em um recurso estratégico, reforçando

a ideia de que as bênçãos divinas – e, por consequência, o sucesso financeiro – são acessíveis àqueles que demonstram disciplina, resiliência e uma mentalidade positiva. Como resultado, a estrutura social é ocultada por uma narrativa meritocrática que não apenas despolitiza as desigualdades, mas também dificulta a organização coletiva, ao incentivar uma busca individualizada por soluções e ascensão pessoal dentro dos limites impostos pelo próprio sistema (Antonio, Lahuerta, 2014).

Nesse contexto, a fé se torna um elemento estratégico na construção da marca pessoal. A exposição de testemunhos de transformação financeira e espiritual nas igrejas, redes sociais e plataformas digitais não apenas reforça o discurso meritocrático, mas também estabelece um modelo de sucesso a ser seguido. Convertidos bem-sucedidos muitas vezes se tornam influenciadores religiosos, vendendo cursos e mentorias baseados na aplicação da fé como ferramenta para ascensão econômica (Mariano, 2012).

Assim como as corporações exigem constante capacitação de seus funcionários, as igrejas neopentecostais promovem a busca contínua por aperfeiçoamento espiritual, condicionando a prosperidade à participação ativa em campanhas de fé, doações e treinamentos internos. Esse modelo se assemelha ao funcionamento de empresas, nas quais o crescimento individual depende de metas alcançadas e da fidelidade à cultura organizacional. As igrejas são empresas e os fiéis são os empresários de si mesmos, os quais, através de esforço e oração, alcançarão o sucesso de suas “empresas de si mesmos” (Antonio, Lahuerta, 2014).

Um exemplo atual dessa interseção entre religião e empreendedorismo é Pablo Marçal, empresário e influenciador digital brasileiro. Marçal, que possui uma trajetória ligada à Igreja Videira em Goiânia, utiliza referências cristãs em seus discursos motivacionais, promovendo a ideia de que o sucesso material é alcançado por meio da autossuperação e da fé. Embora afirme que o cristianismo para ele é um "estilo de vida" e não se prenda a uma denominação específica, suas práticas combinam elementos de *coaching* e pregação neopentecostal, enfatizando a autorresponsabilidade e a busca individual por prosperidade. Essa abordagem exemplifica como discursos religiosos podem ser utilizados para reforçar ideais neoliberais, incentivando os indivíduos a interpretarem suas trajetórias como resultado direto de seu esforço pessoal e espiritual, enquanto desconsideram as influências estruturais e sociais nas oportunidades de ascensão econômica (Antonio, Lahuerta, 2014).

Outro aspecto relevante é a crescente mercantilização da fé, que transforma líderes religiosos em figuras empreendedoras e igrejas em verdadeiros negócios voltados para a maximização de lucro e influência. Os pastores, muitas vezes, se apresentam como modelos de sucesso financeiro, vendendo cursos, livros e mentorias que prometem ensinar os fiéis a alcançar a prosperidade. Essa dinâmica cria um mercado religioso no qual a fé se torna um produto, e a espiritualidade, um campo de investimentos estratégicos. Assim, a ascensão social passa a ser vista não como um direito ou fruto de políticas públicas, mas como uma conquista pessoal, acessível apenas para aqueles que

souberem "empreender" sua crença e administrar sua vida de forma eficiente. (Mariano, 2012).

Além disso, o mito do *self-made man* no neoliberalismo não apenas molda a subjetividade dos indivíduos, mas também redefine a própria noção de comunidade e solidariedade. Como aponta Mariano (2012), ideologia da prosperidade fragmenta os laços coletivos ao enfatizar a competição e a busca individual por ascensão. Nesse modelo, a ajuda mútua e as reivindicações por justiça social perdem espaço, pois qualquer dificuldade enfrentada pelo outro é interpretada como falta de mérito pessoal. Esse processo não apenas fortalece o isolamento dos sujeitos, mas também inibe a construção de formas coletivas de resistência contra as desigualdades estruturais. Dessa forma, a solução para a pobreza não seria um problema estrutural a ser resolvido coletivamente, mas uma questão de "esforço e fé". A ideologia da prosperidade, ao promover essa visão, acaba por despolitizar questões sociais, legitimando cortes em programas sociais sob o argumento de que qualquer um pode "dar a volta por cima".

3.3 Subjetividade e culpa no neoliberalismo

Como aponta Curtin (2020), a narrativa do *self-made man* no neoliberalismo não se limita a moldar as condições materiais de trabalho; ela também impacta profundamente a subjetividade dos indivíduos. A lógica neoliberal transforma o trabalhador em um gestor de si mesmo, constantemente obrigado a avaliar sua performance e buscar autossuperação. Essa internalização da lógica de mercado cria um ciclo de culpa e ansiedade, onde o fracasso é percebido como uma falha moral ou como insuficiência pessoal. Slavoj Žižek, em *Em defesa das causas perdidas* (2008), observa que o neoliberalismo transforma a liberdade em um fardo, pois o indivíduo, embora teoricamente livre para escolher seu caminho, é continuamente pressionado a performar em um ambiente de incertezas estruturais. Essa pressão constante para "ser o melhor" alimenta um estado de insegurança psíquica, no qual os indivíduos vivem na expectativa de alcançar um ideal que, para a maioria, é inalcançável.

Além disso, a cultura do *mindset*, amplamente propagada por influenciadores digitais e *coaches* motivacionais, reforça essa dinâmica ao promover soluções individualistas e superficialmente otimistas. Mensagens como "basta querer para conseguir" ou "você é o único responsável pelo seu sucesso" desconsideram as barreiras estruturais que limitam as possibilidades de ascensão social. Como argumentam Dunker, Safatle e Silva Júnior em *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (2017), esse tipo de discurso intensifica o sofrimento ao silenciar as queixas legítimas sobre condições laborais adversas, promovendo uma resignação produtiva em vez de uma crítica sistêmica. Essa subjetividade neoliberal, ao focar na autossuficiência, fragmenta as solidariedades e impede que o trabalhador se enxergue como parte de uma coletividade que enfrenta problemas estruturais comuns. Assim, o mito do *self-made man* não apenas desvia o foco das desigualdades sistêmicas, mas também converte a precarização do

trabalho em uma questão de atitude individual, dificultando a construção de narrativas críticas e coletivas.

3.4 Fragmentação e alienação dos trabalhadores

O mito do *self-made man* também desempenha um papel central na fragmentação e alienação dos trabalhadores, enfraquecendo a solidariedade coletiva. A narrativa meritocrática neoliberal promove a ideia de que o indivíduo é exclusivamente responsável por sua trajetória, desestimulando a percepção de que as condições estruturais são compartilhadas entre os trabalhadores. Como argumenta Standing (2011), o neoliberalismo substitui os vínculos laborais tradicionais por relações de trabalho altamente individualizadas, nas quais cada trabalhador é incentivado a se enxergar como um concorrente de seus pares. Essa competitividade, mascarada como liberdade, fragmenta os laços de solidariedade e dificulta a organização coletiva para enfrentar a precarização. Sob essa lógica, as demandas coletivas por direitos, como estabilidade no emprego ou melhores condições de trabalho, são deslegitimadas como "coisas do passado", enquanto o foco recai em estratégias individuais de ascensão.

Além disso, essa fragmentação intensifica o isolamento psíquico dos trabalhadores, que passam a carregar sozinhos o peso das expectativas impostas pela narrativa do *self-made man*. Slavoj Žižek sugere que essa alienação não é apenas funcional ao sistema neoliberal, mas fundamental para sua manutenção. Ao individualizar a experiência da precarização, o neoliberalismo desvia o foco das desigualdades estruturais e enfraquece as possibilidades de resistência organizada. Essa lógica é reforçada por discursos culturais e midiáticos que glorificam o sucesso individual e culpabilizam o fracasso, reforçando a ideia de que a coletividade é desnecessária ou mesmo contraproducente. Como resultado, os trabalhadores não apenas enfrentam condições de trabalho cada vez mais precarizadas, mas também são desprovidos das ferramentas necessárias para construir alternativas coletivas e desafiar a hegemonia neoliberal (Žižek, 2008).

Ademais, o enfraquecimento dos sindicatos na era neoliberal resultou em sérias consequências para os direitos trabalhistas, fragmentando a solidariedade entre os trabalhadores. Com a diminuição da densidade sindical e a perda de poder de negociação coletiva, os trabalhadores passaram a ser mais vulneráveis às políticas neoliberais, que priorizam a flexibilização das relações de trabalho e a redução das garantias históricas conquistadas pelos sindicatos. A financeirização das economias e a crescente mobilidade do capital contribuíram para um cenário de desemprego estrutural, com muitas empresas optando por transferir suas operações para locais onde a mão de obra é mais barata, enfraquecendo ainda mais as possibilidades de resistência organizada. Assim, a figura do *self-made man* surge como uma ideologia que mascara a realidade material de sua época. Essa dinâmica, associada à competição globalizada, gerou uma desunião entre os trabalhadores, que, antes amparados por suas organizações sindicais, agora se veem

forçados a se comportar como empresários de si mesmos, em uma lógica individualista. Esse novo modelo, em que a autossuficiência e a gestão de risco se tornaram as principais formas de sobrevivência, impede a formação de alianças coletivas, tornando os trabalhadores mais expostos à exploração e dificultando a luta por melhores condições de trabalho e direitos (Vachon *et al.*, 2006).

3.5 Contradições do *self-made man*

Embora o mito do *self-made man* seja promovido como um modelo de liberdade e autonomia, ele é, na prática, marcado por grandes contradições que sustentam e perpetuam a lógica neoliberal. A promessa de que qualquer indivíduo, independentemente de sua origem, pode alcançar o sucesso por meio de esforço pessoal esconde as barreiras estruturais que limitam a mobilidade social para a maioria. Como discutido por Dardot e Laval (2016), essa narrativa opera como uma ideologia que naturaliza a desigualdade, apresentando as condições de exploração e precarização como oportunidades de crescimento. Essa contradição é especialmente evidente em setores onde trabalhadores como motoristas de aplicativos são exaltados como empreendedores livres, mas enfrentam jornadas extenuantes, ausência de direitos e renda instável. A promessa de autonomia se revela, na realidade, uma forma de servidão moderna, onde os riscos e custos do trabalho são transferidos para o indivíduo, enquanto os lucros permanecem concentrados nas mãos das grandes corporações (Freni-Starrantino; Salerno, 2021).

Outra contradição significativa é a perpetuação do sofrimento psíquico mascarado como autossuperação. Slavoj Žižek (2008) observa que o neoliberalismo transforma as pressões do mercado em um "desafio pessoal", no qual a ansiedade e a insegurança são normalizadas como partes inerentes da busca pelo sucesso. O *self-made man*, nesse contexto, não é apenas uma figura aspiracional, mas também um mecanismo que gera conformidade com as exigências do sistema. Ao promover a ilusão de que o sucesso depende exclusivamente de mérito e esforço, o mito desvia o foco da exploração sistêmica e impede a construção de resistências coletivas. Assim, o *self-made man* simboliza tanto a promessa quanto o fracasso da lógica neoliberal, uma narrativa que enaltece a liberdade individual ao mesmo tempo em que aprisiona os indivíduos em um ciclo de exploração, alienação e culpa.

De acordo com Hornung e Höge (2019), as contradições do neoliberalismo em relação à promessa de flexibilização do trabalho são evidentes na forma como as práticas de flexibilidade, supostamente voltadas para o benefício dos trabalhadores, na realidade acabam fortalecendo os interesses dos empregadores. Embora a flexibilização seja apresentada como uma solução que proporciona mais autonomia e individualidade ao trabalhador, na prática ela resulta em uma maior insegurança no emprego e intensificação do trabalho, com os trabalhadores sendo cada vez mais pressionados a se adaptar a condições de trabalho instáveis. Além disso, a promessa de maior liberdade por meio da

flexibilização frequentemente leva à autoexploração, pois os trabalhadores acabam se gerindo como empresários de si mesmos, sem a proteção das redes coletivas de solidariedade proporcionadas pelos sindicatos. A flexibilização, em vez de ser um instrumento de empoderamento, acaba funcionando como uma estratégia de racionalização econômica, favorecendo a redução de custos para os empregadores à custa da diminuição dos direitos trabalhistas. Dessa forma, o neoliberalismo, ao promover um modelo de trabalho individualista, acaba aprofundando as desigualdades sociais, o que contraria a promessa de uma flexibilização que fosse verdadeiramente benéfica para os empregados.

Por fim, as contradições do conceito de *self-made man* no contexto brasileiro se tornam ainda mais evidentes quando o trabalhador, em um cenário de precarização do trabalho, se vê forçado a criar seu próprio CNPJ ou MEI para garantir sua sobrevivência no mercado. O neoliberalismo, ao prometer liberdade e autonomia, leva o trabalhador a uma falsa ideia de independência. No entanto, ao adotar essa forma de trabalho, ele abdica dos direitos fundamentais que caracterizam uma relação de emprego formal, como férias, 13º salário e FGTS, e assume todos os riscos e responsabilidades econômicas, sem o respaldo das redes de apoio e proteção social. Esse processo, longe de promover a emancipação, resulta em isolamento social e econômico, em que o trabalhador perde a segurança e a estabilidade oferecidas pelas relações trabalhistas tradicionais. Assim, o *self-made man* no Brasil, ao se submeter à exigência de “pejotização”, acaba sendo condenado a viver em uma constante vulnerabilidade, refletindo a falta de garantias sociais e a desproteção dos trabalhadores no modelo neoliberal (Barbosa, Ordem, 2015).

3. 6 A psicologia neoliberal e sua influência na narrativa do *self-made man*

No início do século XX, figuras como John B. Watson e B.F. Skinner consolidaram o behaviorismo como uma abordagem dominante nos Estados Unidos. Watson, ao afirmar que o comportamento humano podia ser moldado e controlado por meio de estímulos externos, forneceu bases teóricas para o desenvolvimento de técnicas de condicionamento utilizadas tanto na publicidade quanto no gerenciamento de recursos humanos. Skinner, por sua vez, expandiu essas ideias com sua teoria do condicionamento operante, que propunha que os comportamentos poderiam ser reforçados ou eliminados com base em recompensas e punições. Essas abordagens foram amplamente aplicadas em ambientes corporativos, na educação e até mesmo em campanhas de persuasão política, reforçando a noção de que o sujeito pode (e deve) ser programado para responder às exigências do mercado (Adams *et al.*, 2022).

Ao longo do século XX, a psicologia estadunidense passou a incorporar e aperfeiçoar técnicas voltadas para a maximização da produtividade e para o ajuste individual às demandas sociais. Com o advento da Psicologia Positiva, na década de 1990, essa lógica se aprofundou ainda mais. Para Adams *et al.*:

O neoliberalismo não apenas reconfigurou instituições econômicas e políticas, mas também penetrou nas ciências humanas, especialmente na psicologia, redefinindo o que significa ser um indivíduo bem-sucedido, resiliente e autônomo” (p. 124).

Essa transformação levou à ampliação de abordagens psicológicas que enfatizam o poder da mentalidade e da autorresponsabilidade, alinhando-se à ideologia meritocrática neoliberal.

A partir dessa lógica, o sofrimento psíquico passou a ser tratado como um problema de gestão pessoal, em vez de um sintoma das condições estruturais de desigualdade. A ascensão do *coaching* como fenômeno cultural ilustra essa tendência: figuras como Tony Robbins e, no Brasil, Pablo Marçal, adaptaram conceitos da psicologia para construir discursos motivacionais que enfatizam o sucesso individual como um resultado direto da atitude correta. Como observa Adams *et al.* (2022):

O neoliberalismo transforma a psicologia em um dispositivo de engenharia social que promove a aceitação da precariedade como uma condição natural da existência humana, ao invés de um problema social a ser combatido” (p. 126).

Assim, a psicologia, que inicialmente buscava compreender e explicar o comportamento humano, tornou-se um instrumento poderoso na manutenção da ideologia neoliberal. A psicologia neoliberal desempenha um papel fundamental na consolidação da narrativa do *self-made man*, ao transformar o indivíduo em um sujeito integralmente responsável pelo seu destino econômico e social. A partir das décadas finais do século XX, observa-se uma crescente instrumentalização da psicologia em prol da lógica de mercado, promovendo abordagens que enfatizam a autogestão emocional, a resiliência e o sucesso como fruto exclusivo do esforço individual. Essa internalização da lógica capitalista na subjetividade dos indivíduos não apenas reforça a responsabilização pessoal pelo fracasso, mas também enfraquece resistências coletivas, uma vez que transforma problemas estruturais em desafios meramente individuais (Adams *et al.*, 2022).

Adams *et al.* (2022) argumentam que a ascensão da Psicologia Positiva, por exemplo, consolidou uma visão voltada para a valorização da felicidade e do pensamento positivo como instrumentos de superação. Essa abordagem desconsidera os determinantes sociais e estruturais das dificuldades econômicas e emocionais, perpetuando a ideia de que qualquer indivíduo pode prosperar caso adote a “mentalidade correta”. Tal discurso encontra ampla aceitação entre influenciadores digitais, *coaches* motivacionais e empresários de sucesso, que propagam a crença de que a ascensão econômica é acessível a todos, independentemente de suas condições materiais de partida.

Thrift (2021) afirma que essa influência da psicologia neoliberal na narrativa do *self-made man* também se manifesta na popularização de conceitos como “inteligência emocional”, “grit” (garra) e “resiliência”, frequentemente utilizados para justificar o sucesso daqueles que se adaptam às exigências do mercado. Como resultado, cria-se um

ciclo de autoexploração, no qual os indivíduos são levados a enxergar sua própria precarização como um desafio pessoal a ser superado, e não como um sintoma das dinâmicas estruturais do neoliberalismo.

A psicanálise e a psicologia social crítica têm se posicionado contra essa tendência, destacando os impactos desse modelo na saúde mental e na construção de subjetividades fragilizadas pela pressão constante por performance e sucesso. Como argumentam autores como Dunker, Safatle e Silva Júnior (2017), o neoliberalismo reconfigura o sofrimento psíquico, transformando-o em um problema individual, ao mesmo tempo em que impõe um modelo de subjetividade pautado pela eficiência e pela constante necessidade de autoaperfeiçoamento.

Dessa forma, a psicologia neoliberal não apenas reforça a narrativa do *self-made man*, mas também se torna um de seus principais sustentáculos ideológicos. Ao ignorar os condicionantes estruturais da desigualdade econômica e social, essa abordagem contribui para a perpetuação da lógica neoliberal, mantendo os indivíduos aprisionados em um ciclo de autoexploração e culpa, enquanto os mecanismos que produzem a precarização seguem inquestionados (Adams *et al.*, 2022).

4 CONCLUSÃO

O mito do *self-made man* continua a exercer uma influência poderosa no imaginário contemporâneo, especialmente no contexto neoliberal, onde foi ressignificado como o "empreendedor de si mesmo". Essa figura, outrora vinculada à ética protestante e à virtude moral, tornou-se um dispositivo ideológico que legitima a precarização do trabalho e despolitiza as condições estruturais que perpetuam desigualdades.

A narrativa de que o sucesso é acessível a todos que se esforçam reforça a culpabilização individual pelo fracasso, mascarando as barreiras sistêmicas que limitam as oportunidades para a maioria. Sob essa lógica, os trabalhadores são compelidos a se reinventar continuamente, enfrentando jornadas extenuantes e insegurança econômica, enquanto são incentivados a enxergar a precarização como liberdade e autonomia. Além disso, o impacto psíquico dessa ideologia é profundo, gerando ansiedade, culpa e alienação, conforme argumentado por Žižek (2008) e Dunker *et al.* (2017). Essas dinâmicas não apenas dificultam a organização coletiva, mas também perpetuam a fragmentação e o isolamento dos trabalhadores, enfraquecendo as resistências contra o modelo neoliberal.

Diante disso, desconstruir o mito do *self-made man* é essencial para questionar a lógica meritocrática e promover a solidariedade como uma ferramenta de transformação. Somente ao resgatar a coletividade e enfrentar as contradições do neoliberalismo será possível construir alternativas que desafiem a precarização e ofereçam condições mais justas e dignas para todos.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Glen; ESTRADA-VILLALTA, Sara; SULLIVAN, Daniel; MARKUS, Hazel Rose. *A psicologia do neoliberalismo e o neoliberalismo da psicologia*. Trabalho Vivo, 2022. Disponível em: <http://trabalhovivo.net/wp-content/uploads/2022/06/Texto-4-A-Psicologia-do-Neoliberalismo-e-o-Neoliberalismo-da-Psicologia.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.
- ANTONIO, Gabriel Henrique; LAHUERTA, Milton Burnatelli de. “O neopentecostalismo e os dilemas da modernidade periférica sob o signo do novo desenvolvimentismo brasileiro”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 14, p. 13-48, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/RS8WDsN4tkYGcFKbnqsnWZd/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BARBOSA, Attila Magno Silva; ORBEM, Juliani Veronezi. “‘Pejotização’: precarização das relações de trabalho, das relações sociais e das relações humanas”. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, v. 10, n. 2, p. 839-859, 2015. DOI: 10.5902/1981369420184. Disponível em: <https://www.ufsm.br/revistadireito>. Acesso em: 1º mar. 2025.
- CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. *Happycracia: Cómo la ciencia y la industria de la felicidad controlan nuestras vidas*. Madrid: Paidós, 2019.
- CARMO, Luana Jéssica Oliveira. ASSIS, Lilian Bambirra de. GOMES JÚNIOR, Admardo Bonifácio. TEIXEIRA, Marcella Barbosa Miranda. “O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal”. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 31-44, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebapec/a/HY7NpJpmW6vh6sKX3YdCrSd/>. Acesso em: 2 mar. 2025.
- CURTIN, Emily. Resenha de: MAKOVICKY, Nicolette (Ed.). *Neoliberalism, personhood, and postsocialism: Enterprising selves in changing economies*. Surrey, UK: Ashgate, 2014. xi + 209 p. Enterprise & Society, Cambridge University Press, v. 21, n. 2, p. 547-549, jun. 2020. DOI: 10.1017/eso.2020.27.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz; SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica, 2017.

ESTAY, Christophe; DURRIEU, François; AKHTER, Manzoom. “Entrepreneurship: From motivation to start-up”. *Journal of International Entrepreneurship*, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 243-267, jul. 2013. DOI: 10.1007/s10843-013-0109-x.

FELDMAN, Gregory; TEUBNER, Marc. *A psicologia do neoliberalismo e o neoliberalismo da psicologia*. Trabalho Vivo, 2022. Disponível em: <http://trabalhovivo.net/wp-content/uploads/2022/06/Texto-4-A-Psicologia-do-Neoliberalismo-e-o-Neoliberalismo-da-Psicologia.pdf>. Acesso em: 25 fev.2025.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANKLIN, Benjamin. *Autobiografia*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FRENI-STERRANTINO, Anna; SALERNO, Vincenzo. “A plea for the need to investigate the health effects of gig-economy”. *Frontiers in Public Health*, [S.l.], v. 9, p. 638767, 2021. DOI: 10.3389/fpubh.2021.638767. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpubh.2021.638767/full>. Acesso em: 10 mar. 2025.

HERVIEUX, Chantal; VOLTAN, Annika. “Framing social problems in social entrepreneurship”. *Journal of Business Ethics*, [S.l.], v. 151, n. 2, p. 279-293, ago. 2018. DOI: 10.1007/s10551-016-3252-1.

HORNUNG, Severin; HÖGE, Thomas. “Humanization, rationalization or subjectification of work? Employee-oriented flexibility between i-deals and ideology in the neoliberal era”. *Business & Management Studies: An International Journal*, v. 7, n. 5, p. 3090-3119, 2019.

ILLOUZ, Eva. *Why love hurts: A sociological explanation*. Cambridge: Polity Press, 2015.

MAFRA, C.; SWATOWISKI, C.; SAMPAIO, C. “O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos?” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 78, p. 81–96, fev. 2012.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2012.

ROSHA, Rekha. “Accounting capital, race and Benjamin Franklin’s ‘pecuniary habits’ of mind in The Autobiography”. In: BALFOUR, Robert J. (Ed.). *Culture, capital and*

representation. London: Palgrave Macmillan, 2010. p. 35-48. DOI: 10.1057/9780230291195_3.

SANTISTEBAN, Sebastián C.; JONES, Campbell. “Ordinary entrepreneurial psychosis. Organization”, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 66-86, 2024. DOI: 10.1177/13505084221079007.

STANDING, Guy. *The precariat: The new dangerous class.* London: Bloomsbury Academic, 2011.

THRIFT, Erin. “The role of education in neoliberal selfhood”. *Theory & Psychology*, [S.l.], v. 32, n. 2, p. 347-349, 2021. DOI: 10.1177/09593543211064260.

VALLAS, Steven P.; PRENER, Christopher. “Dualism, job polarization, and the social construction of precarious work”. *Work and Occupations*, [S.l.], v. 39, n. 4, p. 331-353, 2012. DOI: 10.1177/0730888412453166.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ŽIŽEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas.* São Paulo: Boitempo, 2008